

JAZZ
22 JUNHO 2015
CICLO "JAZZ +351"
COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

VELKRO

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone tenor Boštjan Simon

Guitarra, baixo elétrico, eletrónica Stephan Meidell

Bateria Luís Candeias

Seg 22 de junho

21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Revolucionários de outra maneira

O título do novo disco dos Velkro tem o impacto de um chavão pintado na parede de um banco: “Don’t Wait for the Revolution”. Somos tentados a pensar que o movimento Occupy e dos Indignados encontrou, finalmente, os seus bardos neste grupo formado por jovens músicos de três países europeus, Stephan Meidell (Noruega), Boštjan Simon (Eslovénia) e Luís Candeias (Portugal). Algo como o que tinha feito Wadada Leo Smith, nos Estados Unidos, com *Occupy the World*.

Se bem que haja uma diferença substancial: o jazz do trio tem uma marca geracional que ainda mais parece identificar-se com o levantamento juvenil em curso nos países da UE. Designadamente, contra a falta de perspetivas para o futuro – e o presente – trazida por um neoliberalismo fortemente estatizado e policiado. E que marca é essa? A do rock, que continua a ser a banda sonora da rebelião.

E no entanto, essa específica conotação revolucionária não se confirma. Como sublinha Meidell: «Com esse título não quisemos comentar qualquer situação política, ainda que encaixe muito bem com os tempos que estamos a viver. A mensagem é até inversa: referimo-nos ao facto de não tocarmos música “revolucionária” e de nem sequer o tentarmos. Esta não é uma música conformista, sem dúvida, mas também não é vanguarda. Não tem agenda. Ou seja, não esperamos pela revolução nem a provocamos.»

O que não quer dizer, propriamente,

que os Velkro sejam apolíticos ou destituídos de preocupações sociais. Não querem é cair nos estereótipos *agit-pro*. Há raiva no disco lançado pela Clean Feed no início de 2015, de resto logo detetável na intensidade dos ritmos e da expressão, mas também lá está uma poética encenação do sonho. A combinação agridoce vai mesmo do *groove* à abstração, do uso de *feedbacks* e distorções à beleza de uma simples melodia. «Pode até existir alguma urgência na música que fazemos, mas isso não justificaria sermos duros e brutais. Os temas são enérgicos, sim, mas a energia que há no universo surge sob múltiplas formas e para nós é importante podermos ligar-nos a todos os seus aspetos. A fórmula *in-your-face* tornou-se num cliché, perdeu relevância», argumenta o mentor da formação.

Foi sempre assim desde a primeira hora, mas nunca de modo tão assumido e claro como agora: «Os Velkro mudaram, e não só porque o contra-baixista Hugo Antunes saiu. Mas não se trata de uma mudança consciente. É apenas o resultado de lidarmos com diferentes tipos de música. Isso acabou por se refletir no projeto. Acho que o que explica a natural fluência da nossa música por entre todos os géneros e todas as influências que abrange é a intenção de não tocarmos desta ou daquela maneira. Vamos simplesmente na direção que nos parece mais indicada em determinado momento. O ponto de união é, no entanto, muito óbvio: todos nós vimos do jazz. Partilhamos isso e é algo com que pacificamente nos relacionamos.»

Stephan Meidell passou a alternar entre a sua seis-cordas, um baixo elétrico e vários dispositivos eletrônicos. Diz: «A circunstância de eu tocar diferentes instrumentos abriu bastante a música, e precisamente porque não posso preencher todos os buracos. Dá mais espaço ao sax do Boštjan e o som da minha guitarra barítono /baixo confere à música uma textura bastante diferente daquela que antes tinha com o Hugo. Afasta-a do jazz e aproxima-a do rock *Seventies*. Mas atenção, esta é a minha banda mais orientada para o jazz. Quase nenhuma das outras em que estou envolvido tem os típicos solos deste idioma musical...»

O guitarrista refere-se aos coletivos Cakewalk, The Sweetest Thrill e Krachmacher, com os quais tem realizado incursões pelo psicadelismo e pelo *noise*. Isso quando não vai de extremo a extremo, entrando pelos domínios da eletroacústica e da canção pop. Assim dá razão a quem o definiu como um músico «pós-Velvet Underground», em alusão ao grupo da década de 1960 que demonstrou a viabilidade de uma abordagem experimental da música popular. Teria sido mais provável que o colocassem na herança jazzística do pós-bop, aquela de que, para todos os efeitos, provém, mas isso só contaria uma pequena parte da verdade.

O mesmo se poderia aplicar a Boštjan Simon, saxofonista de um enorme lirismo, lembrando Jan Garbarek, que se tem igualmente aplicado na exploração dos limites físicos e vocabulares do seu instrumento. E ainda ao baterista Luís Candeias, que ora circula nos meios do

jazz *mainstream*, ora nos surpreende com o quase *power trio* (o paradigmático trio de rock, no caso com a presença de um saxofone) que são os Trisonte.

Aliás, como Meidell adianta, «a crítica já tem afirmado que os Velcro são “pós-tudo”, mas no meu entendimento virmos depois de tudo não significa necessariamente cortarmos com o que se fazia antes». O que se verifica é outra coisa, nada tendo de “revolucionário”. Ou será que tem, mas propondo uma ideia diferente de revolução, liberta de cartilhas e fundamentalismos? E não é isso, afinal, o que distingue o movimento dos “ocupas”? Para bons entendedores meias palavras bastam: «Esta é a nossa forma de lidar com todas as músicas que fomos ouvindo e experienciando. Não imitamos, mas as referências vão surgindo e deixamos que tal aconteça. Desde que o processo resulte naquilo que só nós podemos criar.»

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista online jazz.pt

Boštjan Simon

saxofone tenor

Algo imprevisível, Boštjan Simon tanto pode optar por fraseados melódicos convencionais como por situações que levam ao limite as capacidades do saxofone tenor, como multifônicos e sobreagudos. Em determinadas circunstâncias recorre à eletrônica. Fez a sua formação musical no Conservatório de Amesterdão e licenciou-se em Filosofia com uma tese sobre a relação de John Cage com os cogumelos. Integra igualmente formações como Trus, Litost e There Be Monsters.

Stephan Meidell

guitarra, baixo elétrico, eletrónica

Guitarrista, baixista e manipulador de dispositivos eletrônicos, Stephan Meidell tem a sua base de trabalho em Bergen. A música que compõe e toca reflete os seus interesses pelo *free jazz*, o rock progressivo, o *krautrock*, o *noise* e a música eletroacústica experimental. Estudou jazz no Conservatório de Amesterdão e está envolvido numa série de projetos, entre eles se destacando Cakewalk, The Sweetest Thrill e Krachmacher. O seu trabalho de transformação dos papéis da guitarra elétrica levou-o já a ser comparado com Stian Westerhus e Eivind Aarset, devido à forma caracteristicamente escandinava como o faz.

Luís Candeias

bateria

Também com estudos superiores realizados na Holanda, o baterista Luís Candeias tem repartido a sua atividade entre o jazz *mainstream* e as novas tendências do género, em associações com Paula Sousa, Desidério Lázaro, João Firmino, Bruno Santos, Mariana Norton e Hugo Antunes. Participa nos grupos ATOS Trio, com Lucas Acuña e Gonçalo Almeida, e Trisonte, com Ricardo Barriga e Gonçalo Prazeres, em ambos os casos tirando partido do seu passado no *heavy metal*.

David Liebman e Mário Laginha Novo Trio

Jazz Sáb 27 de junho

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M6



Saxofone soprano e tenor David Liebman

Piano Mário Laginha **Contrabaixo** Bernardo
Moreira **Guitarra portuguesa** Miguel Amaral

No âmbito da reunião anual da IASJ (International Association of Schools of Jazz) o Hot Clube de Portugal e a Universidade Lusíada propõem um concerto inédito e irrepetível: o encontro de David Liebman com o Mário Laginha Novo Trio.

Liebman, para além de ser o diretor artístico da IASJ, é um dos grandes nomes da história do jazz. Na sua fase de aprendizagem fez parte dos grupos de Elvin Jones e Miles Davis. Desde então passou a liderar as suas próprias bandas, onde tocaram e tocam famosos artistas como John Scofield, Richie Beirach, Billy Hart, John Abercrombie e muitos mais. Gravou mais de 500 discos como líder ou colíder. Em 2011 o National Endowment for the Arts atribuiu-lhe o Masters of Jazz Award, a mais alta distinção concedida pelo Governo dos EUA a um músico de jazz.

O saxofonista promove a integração das várias linguagens jazzísticas, dando especial importância ao jazz feito no país que acolhe o encontro da IASJ. Daí o convite ao Mário Laginha Novo Trio, o grupo que o grande pianista português estreou em 2013 na Culturgest, introduzindo no jazz a guitarra portuguesa, e que gravou o tão louvado disco *Terra Seca*.

Um concerto que suscita as melhores expectativas.

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiárias:

Sara Amaral

Madalena Costa

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt